

PERSEVERANÇA

Francisco Araújo*

São inúmeros os desafios que estamos, nós, os deficientes visuais, a encarar. No entanto, são compensados pela satisfação de superar todas essas e outras adversidades.

Os desafios que se nos apresentam não devem superar os objetivos que elegemos como ideais para nossa realização.

Esse entendimento tem sido, para mim, um significativo impulso em busca de tudo aquilo que quero, desejo, sonho ou qualquer outra maneira de dizer algo que signifique a busca da realização. Não só agora que estou cursando uma universidade, mas, desde quando, ainda na infância, tive a compreensão do quanto seria importante, apesar da minha limitação visual, sempre procurar superar todo e qualquer desafio que, de alguma maneira, viesse a estabelecer-se como empecilho a ideais que motivassem minha vida.

Assim, apesar de a medicina afirmar aos meus pais, na década de 1950, que um portador de glaucoma congênita estaria fadado à cegueira irreversível, agarrando-me ao resquício visual que ainda me restava, freqüentava a escola na qual a minha mãe lecionava e, dessa forma, enquanto o resquício de visão existiu, estudei com a escrita comum. Depois, tive que vivenciar um longo intervalo de 11 (onze) anos na minha vida estudantil, até encontrar o Instituto dos Cegos do Rio Grande do Norte.

Os meus objetivos culturais sempre estiveram voltados para uma formação acadêmica que me possibilitasse partilhar macroconhecimentos da esfera universal, através dos quais a

* Francisco Araújo é cego e aluno regular do Curso de Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

natureza pudesse ser vivenciada num curso ilimitado em sua origem e desenvolvimento.

Enfrentei barreiras nos exames de seleção – vestibular – para ingresso na universidade, tanto no que diz respeito à transcrição das provas para o sistema Braille, quanto à disparidade do tempo disponível para sua realização. Isso porque a utilização do sentido do tato é bem mais lenta do que a utilização do sentido da visão, por exemplo: basta que se imagine alguém lançando o olhar para uma folha de papel, que se pode deduzir uma visão imediata, e de maneira geral, do espaço visualizado. Ao passo que se tentarmos fazer o reconhecimento, desse mesmo espaço, pelo tato, a proporcionalidade do tempo, principalmente, se no exposto existirem gravuras, é inegavelmente absurda. Por estas e outras razões, cada vez mais me sentia convencido de que deveria estar sempre obstinado em busca dos ideais que me motivavam.

Ante todos esses caminhos que percebia à minha frente, a filosofia, cada vez mais, fascinava-me por suas alternâncias numa amplitude inigualável quanto às perspectivas que nos possibilitam questionar nossa origem: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? *Tudo que sei, é que nada sei. E nem isso.* Dizia Sócrates.

Perseguindo este ideal, tentei a superação das barreiras mencionadas, e me inscrevi para os exames vestibulares, uma vez, duas vezes, até que na terceira tentativa consegui a aprovação para o Curso de Filosofia – Bacharelado –, turma 2002 da Universidade Federal do Rio do Norte.

Atualmente, cursando o segundo período, não posso deixar de reafirmar os mesmos entraves que sempre estiveram presentes numa convivência um tanto quanto fora dos padrões ditos comuns, entre os professores, a turma e o colega, não menos aluno, mas, deficiente visual, isto é, um colega cego.

Graças a Deus, o Curso é Filosofia. Foi o que eu elegi como objetivo, dentro dos valores que me motivam para que a minha

caminhada esteja sempre em curso. Assim, é bem mais possível discernir os porquês, tão complexos de explicações e que a própria filosofia não está interessada em fazê-lo.

Recurso de comunicação diferente da fala, critérios de avaliação improvisados, “sobressaltos” de pessoas despreparadas ao encontrar-nos pelos corredores da Universidade. São inúmeros os desafios que estamos, nós, os deficientes visuais, a encarar. Mas, no entanto, são compensados pela satisfação de superar todas estas e outras adversidades.

O meu objetivo transcende o que se busca comumente: se é dito por aí que deve-se fazer um curso que ofereça estabilidade financeira, isso não me diz respeito. Minha ambição sempre foi ascender em conhecimento. Não vejo felicidade em preocupações de proteger bens materiais. Os bens invulneráveis são aqueles que ninguém consegue nos tirar e são armazenados num espaço em que só nós acessamos o seu domínio.

Seguirei na filosofia, obstinado a expandir essa fortuna.